

- 4 MAR 1987

ANC 88  
Pasta 01 a 05  
março/87  
054

ANC 144 OPINIÃO

## Pés no chão, no pós-carnaval

LUCIANO MESQUITA

Volto a recorrer mais uma vez a Gil Vicente com relação ao diagnóstico que deu a respeito dos "conchavos". Estes, segundo ele, "sabem vivos e mortos", um a outro se ajuntando, contrariando ou desfazendo, geram "grandes desconchavos". É justamente o que está nos ocorrendo a partir do "imenso conchavo" das candidaturas Tancredo-Sarney em favor do espúrio processo das "eleições indiretas", processo pelo qual chegou-se à conclusão de que seria a única porta — eu diria a "porta-estreita" de que nos fala o Evangelho — para a remoção dos governos militares.

Até aí, muito bem. Se não existia, na época, como irmos às diretas-já, que perlustrássemos, então, o caminho das indiretas, pois só os burros (e/ou os irremediáveis fanáticos) dão murro em faca de ponta. Até aí, repito, muito bem.

Até que, com base na Constituição proclamada, pudéssemos ter eleições diretas. Isto, a par de muita coisa que a nova Carta, necessariamente, haveria (e haverá) de inserir no novo texto constitucional para atender à grande esperança do povo e da sociedade em geral (visão social, irrecorrível, por exemplo), para que venhamos a ter poder legítimo, instituições políticas democráticas e sólidas e administração coerente e moderna.

Em trabalho que escrevemos sob o título "A Estratégia da Sociedade Democrática (O Poder, o Estado e a Administração)", editado no nº 46 da Revista de Informação Legislativa, fomos muito claros em relação ao conceito que temos de Democracia, que é, apenas, um processo de ação política, fruto de um consenso prévio entre as diversas correntes de pensamento (políticas, especialmente), para que ela, a democracia, venha a ser instrumento da manifestação pluripartidária, estabelecendo-se o direito inalienável de expressão das minorias.

Pois bem: vejo com tristeza a "bola de neve dos conchavos" rolar em acelerada e vertiginosa descida, sem que possamos imaginar onde vamos parar. O exercício do poder, numa democracia, é, sem dúvida, da maioria ou das majorias. O direito, o direito constitucional de expressão, e da minoria ou das minorias, ainda que isoladas.

E isto, tão-somente isto, que o nosso povo (refiro-me ao povão) quer para poder expressar, sem medo, a sua inata alegria, capacitando-se, inclusive, para trabalhar e produzir com ânimo e confiança, sendo-lhe assegurado o direito a alimento, a escola e a saúde. A verdade é que a liberdade deste nosso povão sabe vivê-la, sejam quais forem as más circunstâncias. Mas ele sabe também (e como sabe!) alimentar seus mais que justos ressentimentos, transformando-os em desprezo, senão mesmo ódio.

Coloquemos pois, brasileiras e brasileiros, como diz o presidente Sarney, os pés no chão. O povão já está, mas essas ditas elites de todos os matizes não estão. O povão não tem dúvida: sabe que elas poderão nos levar para o buraco e, por isso, vai ficar zangado como nunca o vimos neste sofrido País.

Não custa advertir. O povão quer o possível e saberá absorver o possível. Se esses conchavos que andam por aí passarem do limite, ele vai se zangar...

CORREIO BRAZILIENSE

CORREIO BRAZILIENSE